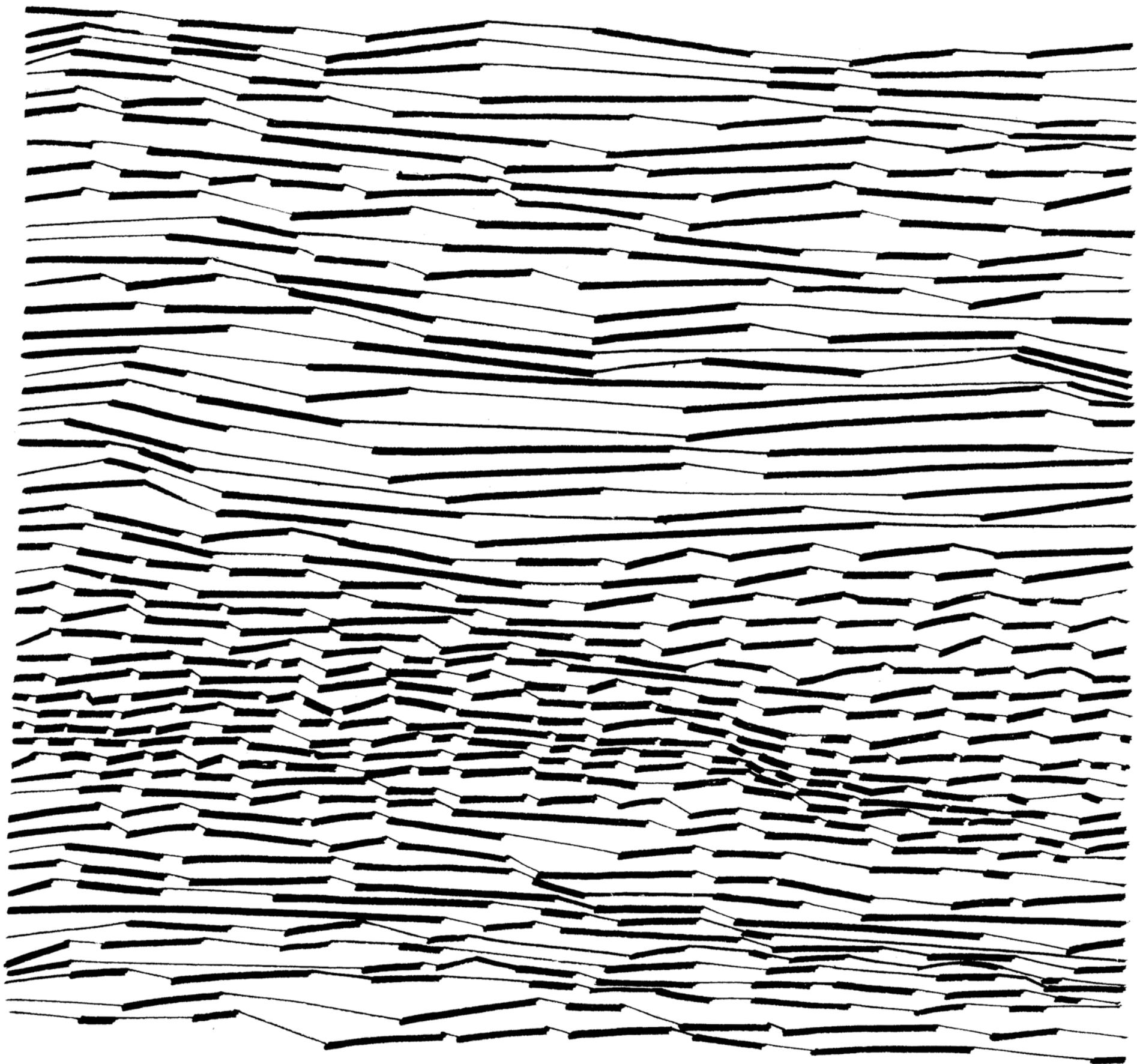


SUPLEMENTO LITERÁRIO

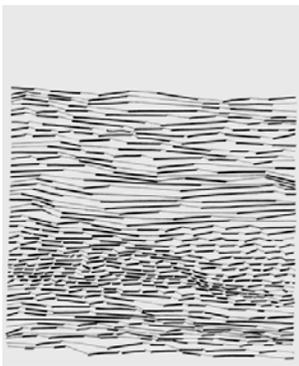


“**F**unciono por hibridismo em tudo o que faço, como artista plástico ou escritor. Em *Ó* (Illuminuras, 2008) o passo inicial era o ensaio. Mas a incapacidade de ficar em um gênero só cria uma certa estranheza, uma incompatibilidade, que são interessantes.” Foi desse modo que Nuno Ramos se expressou durante a entrega do Prêmio Portugal Telecom de Literatura deste ano, do qual saiu vencedor, no início de novembro.

Um ensaio e uma entrevista, que podem ser lidos a partir da página ao lado, tentam iluminar algumas questões despertadas por esse criador inclassificável. De ambos os textos está à frente Eduardo Jorge, um talentoso nome da nova safra de poetas brasileiros. Ele ganhou o Prêmio Governo Minas Gerais de Literatura de 2008 – Categoria Poesia.

Outro destaque desta edição é um poema inédito de Libério Neves, goiano de nascimento, mineiro por destino e um dos mais importantes poetas brasileiros, com vasta obra poética, que também colore a área infanto-juvenil há quase meio século, apesar do injusto silêncio de grande parte da mídia especializada. Há também poemas de João Paulo Gonçalves, Ronaldo Cagiano, um ensaio de Nelson Schapochinik, trabalhos do multi-artista Rodrigo Leste e contos de Edmundo de Novaes Gomes e Sonia Coutinho.

A capa é de José Alberto Nemer, mineiro de Ouro Preto, bacharel em Desenho pela Escola de Belas Artes da UFMG e mestre em Estética pela Universidade de Paris, integrante da “geração de desenhistas mineiros”, que se firmou nacionalmente na década de 70. Entre suas obras está o livro *A mão devota – Santeiros populares das Minas Gerais nos séculos 18 e 19*, publicado pela Editora Bem-Te-Vi.



Capa: José Alberto Nemer

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretário Adjunto
Superintendente do SLMG
Assessor Editorial
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Diagramação
Conselho Editorial
Equipe de Apoio
Estagiárias
Jornalista Responsável

Aécio Neves da Cunha
Paulo Brant
Estevão Fiúza
Jaime Prado Gouvêa
Fabrício Marques
Plínio Fernandes – Traço Leal
Fernando Vilasboas – Traço Leal
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, José Augusto Silva
Geizita Mendes, Mariana Novaes, Mariana Piastrelli
Antônia Cristina De Filippo – Reg. Prof. 3590/MG

**Textos assinados são de
responsabilidade dos autores**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1141
suplemento@cultura.mg.gov.br

Accesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

SUPLEMINTO LITERÁRIO

A LITERATURA, UM BONECO DE NUNO RAMOS PICHE

Eduardo Jorge

Nuno Ramos (São Paulo, 1960) é um nome de destaque na literatura brasileira contemporânea. Esta afirmação o inscreve no campo literário com várias questões. Tais questões são permeadas pelo caráter de precisão e experimento no que diz respeito à linguagem, em uma escrita articulada entre a estrutura e a matéria amorfa. Com uma trajetória inscrita nas artes visuais, inclusive com uma forte convocação da presença da palavra em diversos trabalhos visuais, a obra literária de Nuno Ramos parece afirmar-se um território próprio junto à escritura, embora o autor faça deste um campo movediço: a palavra é posta em seus limites.

Estreando em livro com *Cujo*, de 1997, Nuno Ramos aponta para uma morfologia da vida e de seu entorno, compreendendo objetos e as demais superfícies, que em *Cujo* condensam o nome de “pele”. O termo “pele” aqui pode ser ampliado como o revestimento da matéria, esta em sua contínua metamorfose. Em *Cujo*, Nuno Ramos é um inventor de “peles”, afinal foi nessa estreia que ele imprimiu o gesto de “inventar uma pele para tudo”. A partir de reflexões sobre tal revestimento consensualmente humano, a escrita aforismática no referido livro parece refletir o campo de aparição de objetos, de animais e de humanos, campo este que se concentra aparentemente na visão retiniana. “O disforme acaba organizando-se pelas bordas”, assinala Nuno Ramos em um dos fragmentos de *Cujo*. São essas bordas que o autor explora ao longo de seus livros, de seus textos, que

oscilam entre o ensaio, a narrativa, o material plástico e o poema. Como em um jogo de bonecas russas, Nuno Ramos cria um vaivém em seus livros, onde das bordas de sua escrita emergem outros textos ou ainda algumas obras visuais.

Em *O pão do corvo*, essas bordas situam-se mais organizadas. Pelo menos aparentemente. Publicado em 2001, o limite desse livro parece outro. Se em *Cujo* existia um forte caráter do aforisma, este, em *O pão do corvo*, se aproxima de um verbete, onde os limites do dicionário também entram em jogo. Sendo um modo de ampliar as bordas, o pequeno conjunto desse volume traz de modo mais contundente a materialidade das palavras, como no excerto do “verbeta”, “um comunicado sobre as palavras”: “Palavras são feitas de matéria escura, quase sólida. Secam rapidamente, depois de pensadas ou ditas. Mas secam também antes que saiam da boca, quando deixamos de usá-las de maneira apropriada”. Em um jogo de novos usos, Nuno Ramos reitera um uso da palavra enquanto matéria, não nas artes visuais, mas no campo literário. Esse projeto de materializar as palavras como *motivo* desloca a sintaxe e insere uma transitoriedade aos gestos pré-linguísticos, onde a palavra, inclusive, ocuparia um lugar performático. Em *O pão do corvo* isto não seria, portanto, uma metalinguagem, pois Nuno Ramos utiliza mais o *metamórfico* do que o *metafórico*. Esta não é uma opção clara, já que ao longo do livro parece existir um conflito entre a palavra oral, fonte do sopro da vida e a palavra impressa, já fadada à morte, destituída

de corpo e de ar humanos, criando assim, como afirmou o escritor, uma “sintaxe entre fósseis paralisados, carregados de matéria e de peso”. A palavra, enfim, ocuparia a soleira situada entre a vida e a morte.

Sete anos após *O pão do corvo*, em 2008, foi publicado *Ó*. O movimento de expansão da escrita – do aforismo ao verbete – do primeiro para o segundo livro aqui se torna outro: os textos de Nuno Ramos, em *Ó*, literalmente ganham corpo, um corpo que mantém algumas inflexões e que parece continuamente investigar o próprio corpo e seus limites na linguagem. Neste aspecto, em *Manchas na pele, linguagem*, narrativa que abre o livro, a linguagem permanece tensa, desconfiada do mundo dos nomes, ficando suspensa em um “reino da pergunta”: “Assim, suspenso, murmuro um nome confuso a cada ser que chama a minha atenção e toco com meu dedo a sua frágil solidez, fingindo que são homogêneos e contínuos.” A linguagem, geralmente posta em dúvida pelos limites das narrativas de Nuno Ramos, seria esse véu que ilude em torno da impressão de continuidade no mundo. Nuno Ramos, desse modo, combina *pathos*, drama e gesto para em *Ó*, em linhas gerais, abordar que somos seres descontínuos e que um abismo separa cada um de nós. A linguagem seria uma ilusão que preenche esta lacuna.

Na cor desse abismo, o corpo, para Nuno Ramos, longe de render-se a uma simples metáfora, como ele bem definiu nesta entrevista concedida ao Suplemento Literário de Minas

Gerais, seria “um boneco de piche”. Nesta definição, Nuno Ramos parece apontar para o que acontece em sua própria produção, parafraseando-o: “sempre pronta pra grudar em algo ou pra deixar que algo grude nela.”

PROJETOS, ROTEIROS, ENSAIOS, MEMÓRIA

Com esse subtítulo, Nuno Ramos publicou, em 2007, *Ensaio geral*. Nesse volume de unidade duvidosa, Nuno Ramos parece operar uma passagem entre mundos, sugerindo uma “simultaneidade poética”. A súbita vizinhança de distintas linguagens, tais como arte, futebol, canção, literatura, projetos de exposição, roteiros e um diário, marca alguns cruzamentos em sua obra. Desse modo, mais do que afirmar um termo gasto como *multimídia* (que resume os procedimentos de pesquisa de linguagem com múltiplos materiais), seria possível afirmar um atravessamento anacrônico de distintos materiais (ou ainda de baixos materiais) para pensar a própria produção de Nuno Ramos. Empreendendo um esforço para resumir isso, poderíamos afirmar que existe uma aventura no campo da matéria efêmera, a vida. No ritmo dessa produção, em 2010, mais dois novos

livros de Nuno Ramos serão lançados. Trata-se das narrativas de *O mau vidraceiro* e o livro de poemas *Junco*.

OS MÚLTIPLOS (BAIXOS) MATERIAIS

Os materiais visuais verbalizados na escrita de Nuno Ramos literalmente podem ser vistos em diversos trabalhos do artista. Os baixos materiais empregados por ele consistem em vaselina, feltro, breu, cal, água, areia, criam um ambiente de viscosidade, amorfo, que internamente jogam com materiais de natureza estruturante como mármore, vidro, espelhos, rochas. Esse conflito, presente nos textos de Nuno Ramos, aparecem no campo visual. Em obras como “111” (número que marca a quantidade de mortos pela ação da polícia em 1992 na Casa de Detenção do Carandiru), além da resposta imediata do artista, existe uma presença dramática da palavra, que especificamente são os nomes de cada um dos presos mortos na chacina.

Ainda no final dos anos oitenta, esse conflito de materiais torna-se visível em *Pele*. Espalhado no chão do espaço expositivo, o trabalho, feito com breu, óleo, algodão gomado e tela de estuque, cria um campo amorfo cuja identificação figurativa pode ser feita apenas

na identificação com uma forma de cabeça de cavalo. Outro trabalho que incorpora este conflito, de outro modo, é *Craca*. Participando da 46ª Bienal de Veneza, *Craca* é um vasto lençol marinho que nos dá a ideia de movimento. Nesta peça de alumínio fundido vem à superfície o material fossilizado tais como ossos, peixes, crânios, alcachofras, serpentes, enfim, restos orgânicos da vida animal e vegetal. Um segunda escultura pode ser vista no Parque das Esculturas, no Ibirapuera, em São Paulo. Uma instalação do artista é o trabalho *Morte das casas*, de 2004. Este tem como ponto de partida o poema “Morte das casas de Ouro Preto”, de Carlos Drummond de Andrade (ver fragmento), onde um coral recita um fragmento do poema enquanto chove sobre as caixas de som.

Além de trabalhos instalativos e escultóricos, Nuno Ramos, ainda na sua trajetória como artista, possui em sua produção a pintura, o vídeo e o livro-objeto. Sobre a produção do artista Nuno Ramos, existe um livro-catálogo, publicado em 1997 e feito por críticos que acompanham regularmente sua produção: Lorenzo Mammí, Rodrigo Naves e Alberto Tassinari. Nesse livro, encontram-se mais de 150 reproduções em cor das obras tátil-visuais de Nuno Ramos.

Foto de Eduardo Ortega



Entrevista Nuno Ramos

Fragmento do poema
“Morte das Casas de Ouro Preto”

Nuno, para começar esta conversa, você poderia situar sua trajetória como escritor? Foi o artista plástico que lidou com a forma escrita ou estas inquietações já estavam postas no teu trabalho visual?

Eu tentei ser escritor muito antes de começar qualquer coisa como artista-plástico. Mas havia uma coisa na minha máquina de escrever (uma Olympus) – já dada – e difícil de vencer: a página em branco. Uma tarde inteira podia passar em torno dela, como uma taturana lerda. Acho que o que eu gostei mesmo em artes plásticas (em que comecei tarde, com 21 anos) é que você faz alguma besteira, joga um negócio, espalha um material qualquer, derruba o pote de pincéis no chão e pronto, algo fora de você já aconteceu. Por pior que seja, já está lá, independente de você, pedindo resposta. A matéria, em seu sentido ampliado, ativo, é uma espécie dissipada de parceira, chamando em todo lugar, a toda hora. As palavras, por serem de uso comum, por estarem na cabeça o tempo todo, precisam de certo modo ser lavadas antes de usadas, purificadas da banalidade do dia a dia. Pra mim, não há página em branco como artista plástico. Assim, alguma coisa mais desinibidora aconteceu aí – até porque meu repertório cultural era muito pequeno nesse assunto. Eu conhecia literatura melhor.

Sobre o tempo, sobre a taipa,
a chuva escorre. As paredes
que viram morrer os homens,
que viram fugir o ouro,
que viram finar-se o reino,
que viram, reviram, viram
já não veem. Também morrem.

Carlos Drummond de Andrade
Do livro *Claro Enigma*.

No que diz respeito à crítica, ou melhor, ao ensaio, em *Ensaio geral*, por exemplo, você mantém certa coloquialidade de uma conversa ao mesmo tempo em que opera com precisão futebol, samba, literatura e artes visuais, além de expor no objeto livro alguns de seus projetos como artista. Assim, o que este(s) ensaio(s) apresenta(m) de força criativa para sua obra? Ou, de modo mais objetivo, o que vazam deles teu processo de criação?

Eu tentei neste livro, *Ensaio geral*, achar uma passagem entre meus ensaios e dispersos como memórias, roteiros de filmes, projetos de exposição, projetos de arte pública. Tentei justamente criar porosidade entre estes blocos. De algum modo, conforme vou fazendo minhas coisas, brotam algumas passagens entre momentos mais poéticos e ideias que possam ser desenvolvidas na forma de ensaios, em geral sobre outros artistas. Mas acho que a graça é não aproximar demais estes mundos. Para mim, é importante *manter o gênero*, digamos, em tudo o que faço. Daí que os ensaios sejam de fato ensaios, e não “textos de artista”. Mas sei que, apesar disso, sou sempre um artista pensando, e não um intelectual propriamente. Quero dizer que as ideias vêm muito enquanto escrevo, no fluxo do texto, e que raramente consigo organizar direito meu pensamento antes de começar a escrever. Considero isso um defeito, e aqueles ensaios de que mais gosto (Hélio Oiticica, Paulinho da Viola, Goeldi) em geral são os mais organizados, aqueles que sucederam uma palestra, ou algo assim que tenha me obrigado a organizar um pouco minhas ideias antes de escrever. Não estou entre aqueles que acreditam que poesia e pensamento sejam a mesma coisa, e gosto demais quando sinto a cadência das ideias independentemente do calor da expressão. No entanto, não funciono muito assim, e achar uma palavra exata, para mim, é quase ter uma ideia. Então acho que vou lutando contra mim mesmo, tentando esclarecer as palavras que me vêm à cabeça, desfazer seu arbítrio sem perder sua magia. Esse princípio um pouco autocontraditório está em tudo o que faço.

Mesmo afirmando “Eu conhecia a literatura melhor”, esse saber, digamos, não foi um fator importante para obras como *Morte das casas* (instalação montada no CCBB-SP em 2004), em uma evocação a Carlos Drummond de Andrade? Esticando um pouco a pergunta, qual a importância de Drummond para tua obra?

Drummond para mim é a coisa mais livre que o Brasil produziu – para ele tudo pode, tudo está valendo, desde o mais prosaico até a poesia mais elevada, e seus últimos poemas, pornográficos, que me parecem ter a força maior da sua poesia de novo, mostram isso. Acho que o segredo dele, como artista, é olhar pra trás e para frente ao mesmo tempo, mas sem o cinismo machadiano. Ele é o nosso poeta público, mas ao mesmo tempo o poeta da família; nele o tempo é prospectivo e o mundo moderno é bem-vindo, mas nada anda verdadeiramente para frente e os fantasmas falam, falam, falam, falam o tempo todo, atrás de cada parede, de cada textura. Drummond é a própria ambivalência cultural brasileira, mas vista como

Dentro do sabão
sebo, soda, eu sei, mas
amor materno
e leite
farão sabão também?

Areia
cheia de espinhas e escamas
mortas, mas dentro dela
nossos corpos
fodendo

(peixes mordendo
polvos
entre gemidos moles
pássaros sem asma
fodendo)

farão sabão também?

Poema inédito do livro
Junco, a sair em 2010.

potência, como explosão. Tudo está meio misturado, engolfado, ainda sem nome – me identifique e aprendo demais com isso.

No que diz respeito à narrativa, na Bienal de SP de 1994, você montou *Mácula*, um trabalho que guarda uma narrativa densa chamada *Bled al Atech* (cujos fragmentos estão cifrados em braille nas paredes do espaço expositivo). No entanto, a visualidade de *Mácula* independe da narrativa e vice-versa. Isto seria um dos múltiplos modos de “manter o gênero” na tensão de uma “não-relação”?

Acho que sim. *O Mácula* é o segundo dos trabalhos que chamo de cosmogônicos (o primeiro é o *111*, o terceiro é o *Milky Way* e o quarto é a *Craca*), feitos um na sequência dos outros (entre 1992 e 1994). Acho que eu vinha da pintura e me vali de uma imaginação meio cosmogônica para multiplicar os elementos plásticos em que pudesse me apoiar. Com o *Mácula*, sabia que queria fazer um trabalho com um pé no tema da cegueira, então entrevistei cegos e comecei a escrever sobre isso. Até hoje, de alguma forma, essa tensão entre uma intuição plástica e uma tecelagem literária permanece. Só que hoje as duas coisas me parecem mais integradas – a literatura entrou para dentro das peças, na forma de voz (as peças emitem texto, literalmente). Mas, ainda aqui, sempre penso o texto como texto, queria que ele desse conta de ser literatura. Então não quero rifar essa disparidade. Queria apenas que o mundo plástico acionasse o literário (inclusive na hora de escrever) e o literário acionasse o plástico (na hora de mostrar).

Seu primeiro livro, *Cujo*, foi escrito entre 1989 e 1992, e o seu mais recente, *Ó*, foi escrito entre 2002 e 2008. Tendo em consideração este processo registrado no final de cada um desses livros (em *O pão do corvo* esta marca não aparece), como você pensa esse processo de escrita de seus livros?

Vou falar um pouco de cada um deles. *Cujo* foi minha retomada do acesso ao ato de escrever, que eu tinha cortado havia alguns anos, numa espécie de crise. Acho que este livrinho define muito do que eu faria depois, em especial dois aspectos decisivos: a dispersão entre as partes e o apego à matéria. Mas ficou faltando um componente: o acesso a

um enredo qualquer, a uma trama, a um *plot*, por mais frágil e abstrato. Esta será a tarefa de *O pão do corvo*. A verdade é que quando terminei o *Cujo* senti que podia escrever fragmentos e aforismas pelo resto da vida, mas que devia fugir disso. *O pão do corvo* é uma tentativa de usar a linguagem de modo menos poético e elevado, mais ancorado no concreto. O *Ó*, mais recente, é uma retomada do percurso do *Cujo*, prosa solta, poética, falando de tudo e de nada. E meu novo livro, que lanço ano que vem, *O mau vidraceiro*, retoma um fundo de narrativa introduzido pelo *Pão do corvo*. Então fico oscilando entre estes dois extremos. *O Ensaio geral* é uma outra voz, ensaística-biográfica.

***Balada* (1995) é um livro-objeto que foi editado comercialmente e que joga com a ambiguidade da palavra. Trata-se de um livro com 800 páginas, em branco, com um tiro no meio. Existem projetos para novos livros-objeto?**

Fiz outros livros-objeto (em especial uma edição fac-similar, mas em vidro corroído pelo ácido, do “Lance de Dados”, de Mallarmé), mas não tenho novos projetos agora, não.

Em seus livros, sobretudo em *Ó*, o corpo é constantemente alterado, e não pela via de tatuagens ou piercings, mas objetos como sapatos, cadeiras e telhas formariam novas próteses testando assim a elasticidade da pele. Como você pensa a questão do corpo na literatura?

Essa pergunta é enorme, e a discussão seria longa. Mas queria fazer uma observação: acho que eu penso o corpo um pouco como um derivativo da matéria, um primeiro composto desse grande informe que é o mundo material, uma primeira organização dessa lama, portanto. Gosto de pensar nele como alguma coisa pré-linguística, literalmente física, escapando ao mundo do verbo, embora já próximo dele. Assim, ele pode agregar coisas e materiais, pois ainda pertence a este mundo, não foi de todo abduzido pelo verbo. O boneco de piche é um tema que me interessa demais, há muitos anos, e o corpo pra mim é um boneco assim: sempre pronto pra grudar em algo ou pra deixar que algo grude nele.

EDUARDO JORGE

é mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a obra de Nuno Ramos no Doutorado em Literatura Comparada da UFMG.

Vou te falar uma coisa, meu irmão!

Conto de Edmundo de Novaes Gomes

C heguei na feirinha de alimentação que tinha numa praça grande e frondosa de árvores e os meninos já vieram pedir tudo. Uns meninos bem pobrezinhos que ficam deprecando pra você comprar na mão deles caixinhas de chicletes e balas enquanto suas mães passam nas mesas e perguntam Posso levar essa latinha?

Uma bonitinha pretinha de cinco anos veio e já foi logo sentando na cadeira ao lado da minha. Ela era muito graciosa, com os cabelos encapelados feitos em trancinhas miúdas. Sentou e abriu um sorriso: Compra um chicletes. É baratinho. Eu falei que não mas ela não se levantou: Por que é que você tá sozinho? Não respondi nada. Só falei que não queria ficar mascando. Pedi uma latinha de cerveja pra moça loira e bem agradável que servia as mesas. A cerveja demorou, mas veio. Enchi um copo. A menina não parou: Esvaziou? Não. Quando esvaziar você me dá pra mim que eu dou pra minha mãe, tá? É aquela ali, ó. De saia vermelha.

Virei e já ia olhar pra sua mãe da menininha quando duas garotas bem bonitas vieram até a minha pessoa bem galante e sedutora, que vestia bermuda e camiseta. Eu: escondendo o olhar profundo e brilhante atrás de uns óculos bem escuros. Estava assim sem querer encontrar mas só ser encontrado quando essas garotas se aproximaram-se da minha mesa. A feirinha nesse dia tava lotada, de sorte que uma das sujeitas veio e disse Não tá lembrando de mim, né? Olhei pra dita e soltei um sorriso. Sou filha do fulano, aquele seu amigo do jornal.

Vou te falar uma coisa, meu irmão! Naquela hora passaram por essa minha cebecinha pouco vivida aqui um turbilhão de intensidades esquisitas e diferentes. Uma coisa assim que me levou ao passado pra ficar lembrando as coisas e, se eu pudesse, só com o fato da garota ter dito quem era, eu bem que podia ter... Sei lá o que eu poderia ter feito. Só sei que virei pra sujeita e disse Puxa vida, é mesmo! Mas

você tá enorme. Com toda a singeleza do mundo, a tranquila disse Tudo passa. Faz muito tempo que você não aparece. Posso sentar aqui com minha amiga?

Mas é mesmo muito óbvio que aquelas duas podiam se sentar na minha mesa que eu estava sozinho e só tinha mesmo passado por aquela feirinha pra tomar umas duas latinhas e comer um bucho de boi que eles vendem lá com toicinho e feijão branco e que é bastante saboroso. Um prato que se fosse na Espanha ia se chamar Alubias Blancas al Barco de Ávila. Algo assim. Muito recomendado.

De sorte que as meninas sentaram e eu pedi mais cervejas e fomos conversando aquela coisa que vai e vem, que vem e vai. Quantos anos você já tem? Fiz 22 no mês passado. Puxa vida, é mesmo! Já deve ter mais de dez anos que eu não vejo você nem o seu pai. Como é que ele está? Tá assim, mais ou menos. Agora mudou de cidade. Trabalha num jornalzinho do interior e na prefeitura. E você? Foi aí que percebi que foram chegando mais umas mocinhas muito bonitas e já iam dando bicotinhas assanhadas umas nas outras e puxando cadeiras e se sentando. Quando reparei, havia umas nove garotas bem agradáveis sentadas na minha mesa e os moleques não paravam de vender balas e chicletes e os sujeitos passavam de meio em meio minuto suplicando as latinhas vazias. Quando chegou minha dobradinha, a pretinha de cabelos desmiolados nem esperou eu dar a primeira colherada e perguntou Se sobrar um pouco você deixa pra mim?

Que coisa, hein! Mas que tremenda duma encheção de saco é o fato de que você não pode nem mais comer e beber sossegado num local que a patuleia toda não deixa. De sorte que, como sou uma pessoa muito suscetível a esses desígnios de Deus e da natureza que fazem com que uns comam Alubias Blancas al Barco de Ávila e outros nasçam na Somália, acenei com a cabeça de uma maneira afirmativa e bondosa e disse Deixo.

Foi nesse minuto que a menina filha do meu ex-amigo comentou A coisa não tá mole não. Eu disse É mesmo. Muita gente com fome. Esse nosso país precisa fazer alguma coisa. Sabe como é, né? Esses papos de profissionais liberais que tomam cerveja comendo dobradinha, quibe cru ou fígado acebolado e enquanto isso ficam bem consternados com a fome a seu redor. Ah!, meu chapa. É claro que você já viveu uma coisa dessas. Elas estão em todos os lugares.

Mas a moça calou. Ficou bem quietinha e depois me instou em maravilhas altissonantes. Olha, acho que o problema não é só a fome desses meninos. O quê que era aquilo que a bonitinha queria dizer? Não estava conseguindo entender. Não estava dando conta de assimilar a informação mas ela me explicou É que eu acho que o problema não é só com esses pobres que estão por aí pedintes e roubantes e matantes e traficantes. O problema é com todo mundo. O problema é com o amor. Você tem filho?

Então percebi que a coisa tinha tomado outro rumo e que essa estrada eu ainda não sabia onde é que ia dar. De sorte que me lembrei da sacaninha que estava ali na minha frente e que, aos onze anos, sendo filha do meu amigo doidão que tinha acabado de se separar, vivia no apê que eu e esse sujeito começamos a dividir no centro da cidade. Vivia mesmo. A mãe viajava muito e deixava a garota com o pai. E o pai, muito depreciado e aterrorizado

“ O problema é com todo mundo.

O problema é com o amor. ”

fazendo companhia pra criança. Ou você não acha que uma indivíduo de onze anos não é uma criança?

De sorte que um dia, quando ela ainda tinha um resto de infância pela frente, eu cheguei pra garota e dei um presente. Tinha passado no mercado e comprei uns seis pintinhos bem amarelinhos pra menina gostar. Gostou tanto que me deu um beijinho na boca e naquela noite passou pra minha cama e não quis dormir com o seu pai dela e meu ex-amigo na cama dele. Passou assim muito singela e eu deixei ela passar assim muito singela e nós então dormimos.

No dia seguinte voltei do trabalho e ela estava brincando com um pintinho amarelinho dela. Então eu indaguei Cadê os outros? A infanta veio correndo e me deu mais um beijinho na boca, selinho, né!, e falou Morreram. Amanhã você traz mais? Eu não entendia aquilo. Como é que dum dia pro outro cinco pintinhos podiam morrer e sobrar só um? Morreram como? Mas foi aí, meu chapa, que eu tomei um susto porque a menina veio pra mim e falou com a maior naturalidade do mundo Enforquei.

Putá que o pariu, enforcou como? Enforcando, ué. Quer ver: só falta enforcar esse. E então ela saiu correndo naquelas perninhas que já começavam a se encorpar e foi numa despensa que tinha no apartamento e pegou uma banheirinha de bonecas lá dela e amarrado no chuveirinho estava um lacinho que era igual uma forca. Depois ela pegou o pintinho que tinha

sobrado e eu só vendo aquilo e botou o laço no pescocinho do bicho e com muito cuidado mesmo pousou-o sobre a borda da banheira, de modo que o galináceo ainda jovem e promissor ficou se equilibrando sem saber se dava um pulo e saía correndo ou se ficava ali paradinho e tiritando.

Quando eu estava pensando exatamente em como aquele pintinho estava assim sem jeito e indeciso, a garota de 22 anos completou o raciocínio e me explicou aquilo da falta de amor, dizendo de uma forma bastante condizente mesmo que ela achava que as pessoas todas estavam perdidas e que a fome não era um privilégio dos miseráveis. Que sujeita, hein! Que coisa do outro mundo!

Sabe, ela me disse, eu estou fazendo jornalismo e na minha sala só tem gente chata e egoísta, os professores são uns ignorantes tremendos e quando vejo esse povo todo que anda por aí eu perco a esperança. Aliás, acho a esperança a coisa mais idiota que existe. Esperança serve pra você ter e não fazer. É isso: você tem e não faz. E aí, quanto mais rica e educada for a pessoa, pior. Muito pior mesmo do que esses pivetes, assassinos e traficantes. Acho que a maldade no nosso mundo é horizontal. A corrupção é horizontal, a fome é horizontal, a sacanagem é horizontal. Eu não acredito em nada mais. Você não viu que outro dia uma diaba matou o pai e a mãe e alguns fulanos saíram por aí e queimaram mendigos? Você não viu que nem as esquerdas existem mais? E na minha turma! A maioria daquele povo é imbecil de carteirinha. E são todos ricos. Todos têm carros do ano, se alimentam muito bem e bebem muito vinho de garrafão e fumam bastante maconha. Alguns cheiram pó também. Tem festa toda semana. Embalo. Muito sexo. Música eletrônica. E, de tarde, todos os dias, eles ligam a TV e veem os programas de fofoca que ficam passando. Sabem de tudo. E os professores também. Não estão nem aí. E os pobres também. Eles não têm nada a perder. E agora todos eles apoiaram o novo governo e dizem que vão fazer uma campanha pra erradicar a fome do país. Não é uma coisa muito engraçada? Mas aqui, você se lembra da nossa onda com os pintinhos, patinhos e porquinhos da Índia?

Claro que eu me lembrava, porra. Como é que uma pessoa podia esquecer uma coisa daquelas? Como é que podia esquecer que aquele pintinho enfim tomou a decisão e pulou e ficou dependurado no barbante que se fechou no pescoço lá dele e ele batia as duas patinhas, remexia as asinhas e ficava abrindo e fechando o bico, estrangulado, numa asfixia lenta e gradual. Como é que podia esquecer uma coisa daquelas! Então que eu me abaixei correndo e suspendi o bichinho e disse pra safadinha filha do meu amigo Você tá maluca, não faz isso não. Coitadinho do bichinho. Aí, ela virou pra mim e veio com um Quê que tem? Ele vai morrer mesmo. Esses pintinhos não duram nem uma semana. Você acha que não sei? Mamãe já me deu uns. Morreram todos. Um eu enforquei. O outro quebrei o pescoço com uma pedra. Quer ver? Olha só. Mas agora não atrapalha não.

Então a menina lá afrouxou a corda do pescoço do pivetinho penudo e tornou a colocar a criança em cima da borda da banheirinha de bonecas. O cujo ficou lá, daquele jeito dele, titubeando. Você sabe, né.

O ÚLTIMO OSSO

Quando me sinto o osso
na boca do mundo
desata no meu peito um soluço
se estreita o laço
no meu pescoço
e o aço
de tudo que não posso
estrangula o meu grito
como uma mordança

Rodriggo Leste

Quero estar em suas mãos

Já faz uns cinco ou seis anos que não saio desta estante; às vezes perco a conta. Ou seriam seis ou sete anos?... Você que começa a ler esta minha pequena história talvez nunca tenha parado para pensar na dura realidade dos livros sem leitor. Não quero aborrecê-lo com queixas inócuas, mas é da natureza dos seres da minha espécie, os livros, a vontade, o incontido desejo de servir a vocês, os humanos. Esta é a nossa razão de ser, de existir. Ser esquecido em uma estante por anos a fio é a maior frustração que pode ocorrer na vida de um livro. E olhe que não devia estar me lamentando tanto: meu vizinho, “O Corcunda de Notre Dame”, comentou outro dia que já deve ter bem uns quinze anos que ninguém o retira da estante. Melhor sorte tem outro vizinho, o Senhor Brás Cubas: suas Memórias Póstumas foram solicitadas nas listas de leituras obrigatórias de alguns vestibulares e ele não para mais no lugar, sempre é retirado por jovens leitores.

— As traças me apavoram! É terrível, à noite, quando as luzes são apagadas e ouvimos, aterrorizados, o monótono e contínuo ruído do movimento de suas mandíbulas mastigando indefesas páginas. A monotonia de viver confinado às estantes produz melancolia, enfado. Não poucas vezes, quando consigo mergulhar em um sono mais profundo, sonho que fui tomado por empréstimo por algum leitor e saio outra vez para o mundo exterior, vendo-me livre dos muros desta masmorra em que se converte a biblioteca para os que são abandonados nas estantes. Que alegria ver de novo a luz do sol! Que prazer compartilhar a vida, o intenso e caloroso pulsar do mundo nas mãos de um leitor ou de uma leitora. Que delícia percorrer ruas, praças, parques, entrar na casa dele, ir aos lugares aonde vai e ser manuseado por ele ou por ela. Nada é melhor para um livro do que a sensação de ter na pele de suas páginas os olhos atentos de uma leitora. Nestes mágicos momentos, desfruto da grata satisfação de sentir que me torno um manancial de sonhos e desejos, indagações e dúvidas, divagações e certezas. Delicio-me quando cismo com ele à beira do abismo da existência e depois voamos juntos com as asas da imaginação das histórias que carrego no meu corpo.

Mas pior ainda do que as traças (posso afirmar que este medo aflige também aos meus semelhantes) é ser degradado à condição de um rele xerox ou ser aviltado pelos nefastos resumos que pululam na internet e se arvoram a traduzir em umas poucas e mal construídas linhas toda a complexidade de uma obra que algum escritor levou, às vezes, anos para elaborar. Estes dois sujeitos, xerox e resumo, são inimigos mortais nossos, os livros. É a danação da nossa espécie, é a traição maior que pode ser cometida contra os livros verdadeiros que devem ser lidos de forma integral em suas versões originais. Não quero me meter a herói, mas em nome de todos os livros, declaro guerra aos clones! E creio poder falar também em nome de todos os escritores, poetas, ilustradores e por que não, dos leitores conscientes que sabem que é preciso preservar os livros originais!

Para encerrar, gostaria de pensar que em um futuro próximo não venha ser só um sonho voltar a ter leitores em profusão. Quero acreditar que voltaremos a fazer parte da vida de pessoas de todos os tipos e idades que vão encontrar neste “admirável mundo novo” dos dias de hoje, com toda a sua complicada modernagem, a paz, o sossego, na simples companhia de um bom livro.

— Humanos: somos seus cúmplices eternos, sempre solidários; nossa missão é estar prontos e dispostos para ser abertos e nos oferecer inteiramente aos que nos queiram. Nossa entrega é completa, sem restrições. Querida amiga, querido amigo, quero estar em suas mãos!

RODRIGO LESTE

foi co-editor de jornais alternativos que na década de 70 fizeram história em Minas como “Gol-a-Gol”, “Vapor” e “Circus” e é poeta, ator e produtor cultural, atuando no teatro desde 1974.

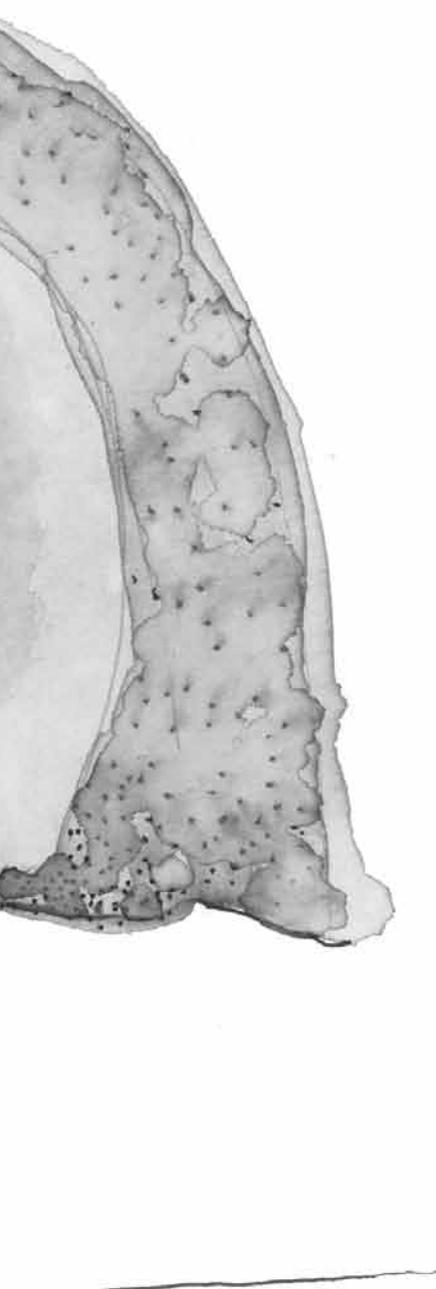
Viagem ao



Ilustração de Carlos Wolney

mundo da U.T.I.

Libério Neves



Põe-se o horizonte
dentro do longo túnel;
escuro é o campo
mas não escuridão.

De foscas lâmpadas
pendem levemente
densas esperanças.

O ambiente é onde
sons de vozes fundem
no cravo de uma dor
a rosa do silêncio.

E anjos humanos
vestem nas mãos
a alma das mãos
e banham o corpo
e a alma do corpo
num só momento.

Eis posto ali
exposto e livre
dos panos do pudor.

O homem e a mulher
idoso ou anciã
assim as criancinhas
alçam os braços
para alcançar calor.

E a noite alta anda
na madrugada indo
passo a passo
o coração.

Até quando anda
na penumbra,
em surdina ecoando
segundo por segundo
o coração?

Porém já vem agora
se avistando enfim
o fim do túnel
e com ele a aurora.

Como uma lágrima
o Sol é um olho
no horizonte afora.

LIBÉRIO NEVES

nasceu em Buriti Alegre, Goiás,
mas é considerado um dos maiores poetas
de Minas Gerais desde sua estreia em livro
com *Pedra Solidão* (1965). Além de vasta
produção poética, tem intensa participação na
literatura infanto-juvenil.

Crônicas da cafelandia: visitações de João do Rio

Nelson Schapochnik

I. Travessias

“E não imaginas a imensa saudade daí,
dessa noites de frio e de palestra,
de camaradagem da Americana,
do nosso querido Morse.
Uma das coisas sinceras em mim
é o amor que tenho a São Paulo”.
Correspondência de JR
para Mário Guastini(s/d)¹

João Paulo Alberto Coelho Barreto, dito João do Rio, foi um dos mais inquietos e notáveis escritores da *Belle Époque* carioca. Volátil e versátil, ele experimentou um multifário conjunto de textos que incluíam a reportagem, a entrevista, a crônica, a conferência, a dramaturgia, o romance e o conto, publicando-os nos mais distintos órgãos da imprensa, como os jornais *A Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias*, *A Notícia*, *O Paiz*, *A Rua*, *A Noite*, *A Pátria* e também nas revistas *Kosmos* e *Renascença*. Denominando-se João do Rio ou ainda invocando as suas diversas personas (Joe, Paulo José, Simeão, Claude, José Antonio José), ele acompanhou as transformações mais significativas que foram compondo a “fisionomia cinemática” do Rio de Janeiro.

Atento aos registros mais díspares, ele afirmava sua preferência por abordar eventos e fenômenos que gravitavam em torno de dois pólos: os “encantadores” e a “canalha”. A fixação nestes extremos se juntava à crença de que embora fossem culturas de margens distintas, eles são “imprevistos e se parecem pela coragem dos recursos e a ausência de escrúpulos”³.

Valendo-se de seu alter-ego, o personagem Godofredo de Alencar, apresentado em *A profissão de Jacques Pedreira* (1911) como “homem de letras que se dá com políticos de importância (...) troçava de todos, elogiava a todos e principalmente o fraco de cada um”⁴, ele justificava o olhar seletivo nos seguintes termos:

Nas sociedades organizadas, há uma classe realmente sem interesse: a média, a que está respeitando o código e trapaceando, gritando pelos seus direitos, protestando contra os impostos, a carestia

Cava-se o pão, a roupa, o teto, o lume
E até, no crânio, a fórmula escondida
De um prazer, de um desejo ou de um queixume.

És, enxada, o estalão, és a medida
De comprimento, de área de volume,
Na geométrica prática da vida.
“Cavar”, Bastos Tigre²

1. Apud GUASTINI, Mário. *João do Rio*. Tempos idos e vividos. São Paulo: Ed. Universitária, s/d., p.9.

2. TIGRE, Bastos. *Cavar*. Antologia Poética v.2. Rio de Janeiro: Francisco Alves/INL, 1982, p.387.

3. RIO, João do. *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar*. Rio de Janeiro: Villas-Boas, 1919, p.114.

4. RIO, João do. *A profissão de Jacques Pedreira*. São Paulo: Scipione / Instituto Moreira Salles, 1992 (2ªed.), p.4 e 18.

*da vida, os desperdícios de dinheiros públicos e tendo medo aos ladrões. Não haveria forças que me fizessem prestar atenção a um homem que tem ordenado, almoça e janta a hora fixa, fala mal da vizinhança, lê os jornais da oposição e protesta contra tudo.*⁵

De certo, aquele movimento pendular também repercutia na composição do repertório temático. Assim temos, ora um mergulho no universo frívolo e luxuriante da vida mundana, edulcorado com neologismos que corroboravam o traço arrivista de esnobes e especuladores; ora a abordagem da tragédia dos deserdados da modernização da Capital federal, uma seqüência de retratos dos trabalhadores de perfil diverso e dos párias, cujo comportamento oscilava entre a honestidade respeitosa, mas degradante, e a revolta contra a desumanização. As afinidades do cronista com cada um destes protagonistas ilustram de forma muito significativa a dualidade do “jornalista adandinado” e do “radical de ocasião” delineada por Antonio Candido.⁶

Mas o escritor que trazia no seu pseudônimo um elo de pertença com a cidade natal, também circulou por outras paragens, estabeleceu laços de amizade, vínculos afetivos e não raro, soube ajustar o ócio e o negócio. De acordo com os dados apresentados pelos seus biógrafos, cotejados com as crônicas aqui reunidas, João do Rio esteve algumas vezes na cidade de São Paulo, sempre envolvido com compromissos profissionais. Ressalte-se também que durante os anos 10 ele foi colaborador do *Commércio de São Paulo* e, de maneira mais episódica, do *Correio Paulistano*.

Na sua primeira passagem pela cidade, onde afirmou ter permanecido “três ou quatro dias” em data incerta, ele reteve a imagem do ritmo frenético e da fisionomia européia do “povo” paulistano. Na qualidade de homem de imprensa, ele esteve atento também às peculiaridades das empresas jornalísticas destas terras. Enquanto na Capital Federal os jornais começam a ser feitos desde a manhã, em São Paulo

...eles começam a ser feitos às 10 da noite. Os repórteres de política escrevem com toda a calma notícias às duas horas da manhã... entrei no Paulistano às três da manhã, e encontrei o Morse, essa figura incomparável de simpatia e de bondade, escrevendo calmamente uma nota política...Noutro dia o jornal saía sem atraso,

*o que seria impossível aqui – pois já a 1 da madrugada o pagador nos impôs a noção de que estamos no outro dia.*⁷

Em outubro de 1910, viajou à capital paulista pela segunda vez para proferir a conferência “A delícia de mentir”, no Teatro Santana, em benefício do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito. Sua brevíssima passagem pela cidade foi alvo de comentários de Alice Dubois, colunista social d’O *Commércio de São Paulo*, que o descreveu como “um tipo chic, elegantíssimo e fino. Sem tolas preocupações com a moda, veste-se tão bem como o mais smart freqüentador do Piccadilly (...) causer admirável, ilustrado, cheio de verve”⁸. Depois de cumprir alguns encontros protocolares, retornou ao Rio na mesma noite, beneficiando-se da inauguração do serviço ferroviário sem baldeações.

No ano seguinte, esteve novamente na Paulicéia, durante o mês de setembro, com uma agenda lotada de compromissos. Dentre eles, recepções mundanas como a acolhida no Automóvel Club, o mais exclusivo espaço de sociabilidade da cidade, encontros com os representantes do Congresso Paulista e com os medalhões do Partido Republicano Paulista que pontificavam a cena política da República Velha, e em meio a deambulações pela cidade, visitas ao Quartel da Força Pública e ao Horto Florestal.

Aos 12 de julho de 1915, João do Rio regressou a São Paulo para uma intensa programação. Mais uma vez, ele voltaria à Faculdade de Direito para proferir aos alunos a conferência “Oração à Mocidade”, uma peça retórica destinada a despertar a mobilização política dos estudantes, concebidos como portadores de virtudes da regeneração nacional e que, de certa forma, preparava a vinda do poeta Olavo Bilac, expressão maior da Liga de Defesa Nacional. Durante a noitinha, João do Rio leu a conferência “Elogio dos perfumes”, em benefício dos alunos do Conservatório Dramático e Musical. No dia seguinte, estreava sua comédia *Eva*, no Cassino Antártica, com atuação de Aura Abranches e de Alexandre Azevedo. Chamado à cena, ele foi vivamente aplaudido e recebeu entusiásticos elogios da crítica⁹.

Ainda em novembro de 1915, ele retornou para uma breve temporada marcada por eventos políticos e culturais. O clima era de expectativa e apreensão, pois a indicação de Altino Arantes para suceder o então presidente do Estado de São Paulo Rodrigues Alves havia suscitado uma

5. RIO, João do. *Chronicas e frases de Godofredo de Alencar*. Rio de Janeiro: Villas-Boas, 1919, p.113–114.

6. CANDIDO, Antonio. *Radicais de ocasião*. Teresina etc. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

7. Coluna Cinematographo. *Gazeta de Notícias*, 16/02/1908.

Esta e as demais crônicas foram extraídas de SCHAPOCHNIK, Nelson. *João do Rio: um dândi na Cafelândia*. São Paulo: Boitempo, 2004.

8. Apud RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p.119.

9. Para *O Estado de S.Paulo*, “uma charge causticante a esse refinamento social, por vezes ridículo, que invade e obceca as camadas altas da sociedade”. Já o *Diário de São Paulo* expressava que apesar de bem dialogada e com uma trama bem distribuída, o enredo “é criação de outras sociedades, é um *snobismo* moral que ainda não possuímos como produto nosso”. E nas páginas de *O Pirralho*, o acadêmico Oswald de Andrade também tecia elogios à “inteligente intriga de João do Rio”.

Apud MAGALHÃES JR., Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1978, pp.231-235.

dissidência no Partido Republicano Paulista. Para o cronista e para muitos jornalistas, a cisão do partido era um indicador de instabilidade política de uma república marcada pela ação de coronéis e caudilhos. João do Rio foi mais uma vez recepcionado com um almoço no Automóvel Club onde teve a oportunidade de cumprimentar de passagem o então prefeito Washington Luís, e vaticinar “certa esperança de vê-lo ocupar cargos de muito maior responsabilidade no Estado e na União”. Nesta ocasião, ele assistiu à estréia dos dançarinos Duque e Gaby no Teatro Municipal e ainda cobriu a parada cívico-militar da Proclamação da República nas dependências do Hipódromo da Moóca.

No ano seguinte, ele esteve duas vezes na cidade. A primeira delas, ocorrida no primeiro trimestre, tinha por objetivo realizar uma entrevista com o ex-presidente da República Rodrigues Alves, no Palácio dos Campos Elíseos, que naquele momento ocupava pela segunda vez a presidência do Estado de São Paulo. A matéria foi editada no mês de abril na Revista Atlântida, publicação luso-brasileira dirigida pelo poeta João de Barros. Na última temporada, datada de setembro, João do Rio constatou os efeitos da campanha em prol do alistamento militar, inspecionou quartéis, assistiu comovido às comemorações do Sete de Setembro, bem como, renovou sua fidelidade às lideranças do Partido Republicano Paulista por meio de visitas protocolares ao Congresso Paulista.

Os últimos rastros do cronista pela cidade de São Paulo datam de 1919. Nesta oportunidade, ele participou das comemorações do XX de Setembro, organizada pelos associados do Circolo Italiano e realizada nas dependências do Teatro Municipal, com a conferência “A Itália de agora diante da Porta Pia”, um texto eivado de sentimento patriótico e de apelos a favor da reconstrução nacional.

Estes deslocamentos e permanências resultaram num pequeno corpus textual composto por 31 reportagens, entrevistas, crônicas e conferências publicadas majoritariamente na imprensa carioca, no qual João do Rio explorou com mais afinco as peculiaridades da cena paulistana e dos seus habitantes.

II. “Amo São Paulo”

A imagem que inaugura a série de referências à cidade de São Paulo no conjunto destes textos é originária da infância. Reminiscência da primeira viagem, oposição entre a velocidade do trem e a persistência da memória, percepção da fronteira como invenção e marca do trabalho.

A primeira vez que fui para São Paulo, no comboio, vi de repente que o terreno até então inculto e feroz se fazia civilizado, cheio de plantações.

— *Que é isso? — indaguei do chefe do trem.*

— *É São Paulo, disse ele simplesmente.*

Nunca mais esqueci esse momento breve. A minha leviandade de

menino da capital começava a descobrir o Brasil. E de fato. O homem em São Paulo dominou a terra, cultivando-a. Mas não só...¹⁰

Sabedor das virtudes e da função pedagógica do ato de viajar, João do Rio propalava a necessidade de conhecer a cidade de São Paulo como uma experiência formativa.

Ir para São Paulo para o carioca devia ser um dever – para o carioca e para o fluminense, porque o Estado do Rio está positivamente a gente que precisa de exemplos de uma forte individualidade. Quanto ao carioca, bastante imaginoso para julgar toda a vida do Brasil apenas entre o Largo do Machado e o Largo do Paço, São Paulo será um corretivo porque o carioca verá que o que nós fizemos há dois anos, os paulistas tinham feito há seis ou sete, e que passando por São Paulo tem-se a impressão de uma cidade européia, individual, característica, com alma própria e capaz de nos ensinar ainda uma porção de coisas...!¹¹

Por meio do rebatimento de imagens, o cronista convida seu leitor a compartilhar o efeito positivo do desenraizamento, condição necessária para a familiarização e interiorização da nova paisagem. Ele insistentemente explorava a oposição entre o Rio de Janeiro e São Paulo, como um procedimento que visava favorecer uma percepção assimétrica da paisagem urbana, dos equipamentos e melhoramentos introduzidos com a modernização. Daí a o juízo desqualificador sobre a Avenida Central, no Rio de Janeiro, denominada de “o maior carnaval arquitetônico, o maior duplo cordão de Zé-Pereiras do estilo que a imaginação desconhecida poderia gerar”¹², e o elogio fervoroso aos projetos arquitetônicos de Ramos de Azevedo implementados em São Paulo, tomados como a mais completa expressão de princípios artísticos e científicos modernos que compunham a fisionomia de São Paulo.

Diante das alterações profundas que despojavam os traços de uma cidade colonial, com a substituição do velho casario de taipa por construções de alvenaria de risco eclético e no arruamento, ele sublinhava o encanto que a cidade começava a despertar como uma alternativa para o veraneio da boa sociedade carioca:

Entre jogar as prendas em Teresópolis, ouvindo os sapos para gozar de uma noite relativamente fresca comparada ao calor do dia, e estar em São Paulo, tendo mil e uma diversões, dia e noite, a gozar uma temperatura ideal num luxo de capital brilhante e mundana – não

10. Em São Paulo. *Gazeta de Notícias*, 14/09/1911.

11. Coluna Cinematographo. *Gazeta de Notícias*, 16/02/1908.

12. Coluna Os dias passam. *Gazeta de Notícias*, 17/09/1911.

*há quem não prefira a segunda hipótese...Todos os hotéis, como a Rotisserie, estão cheios. É o bom gosto carioca, aproveitando o verão para gozar São Paulo – a cidade farol do Brasil.*¹³

Dando continuidade ao emprego potencial das antinomias, João do Rio parece sublinhar que a gente do planalto paulista não poderia ser abordada pelo binômio “encantadores” e “canalha”. Não que estes figurantes estivessem ausentes, mas o fato é que nestas terras destacava-se a “gente do comércio e dos bancos italianos, yankees, alemães, ingleses, espanhóis dão o elemento internacional das grandes cidades modernas”¹⁴. Apelando para as nobilíssimas tradições que reiteravam o mito fundador do bandeirante, retemperado pela presença do imigrante, mas também fazendo tabula rasa da presença africana e da mestiçagem, ele procurava sublinhar o perfil dos habitantes. O argumento é simultaneamente de ordem estética, mas também de caráter eugênico.

*...o que decerto já se plasmou no tipo paulista foi a beleza italiana. Certo os antigos bandeirantes deviam ser grandes homens fortes e belos; certo o paulista de há cinqüenta anos tinha uma figura especial, que aliás se conserva nas principais famílias. Mas o povo, o povo mudou de 1880 para cá. E é bellissimo. Podemos estar descansados. Não há homem em manga de camisa arregaçadas, mostrando os braços cabeludos, nem gente descalça. Andam todos de sapatos. O pé no chão é uma propriedade do Rio e de Lisboa, entre as grandes capitais. E o tipo que predomina é o italiano do Sul, o italiano moreno de Nápoles e de Siracusa, de Taormina, da Sicília. Essas lindas mulheres de cabelos negros, grandes olhos imensos, boca rubra e a pele de ouro rosado, esses adolescentes vivazes, que sorriem e parecem alegres, como o Mercúrio de Herculano, essa alegria ativa de toda a gente.*¹⁵

Neste jogo de cena, em que a capital federal é colocada na penumbra para que os holofotes centrem o foco luminoso na Cafelândia, ganham destaques algumas instituições, as descrições de suas rotinas, dos seus rituais de iniciação e dos seus momentos apoteóticos celebrados não raras vezes por meio de um calendário festivo oficial. O binômio escola e quartel parece emblematicamente o ponto fulcral onde eram engendradas ardilosas tradições que gravitavam em torno dos discursos de fundação da paulistaneidade e de coesão nacional.

A valorização das mais distintas modalidades de escolas implantadas no estado de São Paulo, como os Jardins da Infância, as Escolas Normais, os Grupos Escolares e as Escolas Agrônomicas, logo convertida em matéria jornalística, não era fortuita, mas se assentava na crença de que a instituição escolar era um espaço fundamental para transformar o amálgama popular (constituído por caboclos, imigrantes e operários) em cidadãos. Contudo, a ação dos apóstolos da pedagogia do cidadão não se resumia na operação do ensinar a ler, escrever e contar. Conforme

se apreende no texto de João do Rio, estes saberes eram solidários à construção simbólica de uma genealogia que visava destacar a ação pioneira dos paulistas e do seu lugar no panteão de heróis nacionais.

*...São Paulo é bem o Civilizador. É o Civilizador historicamente. O paulista bandeirante ensinou a desbravar o sertão e mostrou o caminho da riqueza e descobriu, através das florestas, os diamantes de Minas e as esmeraldas do Peru. O paulista estadista ensinou o Brasil a ler, foi José Bonifácio. O paulista agricultor realizou a corrente imigratória, muito antes da abolição. O paulista livre pensador fez a propaganda republicana. E eu estou que, realizando a riqueza econômica, tendo por base a agricultura, resolvendo todos os problemas sociais muito antes da União, o paulista foi também do nosso país o primeiro que viajou, e, conseqüentemente, o que ensinou o caminho da Europa ao brasileiro, pouco andarilho outrora.*¹⁶

Um tema muito presente no conjunto das crônicas é o do adestramento dos corpos e mentes por meio da fôrma cívico-militar. Às noções de higiene e beleza acrescidas pela disciplina e obediência decorrentes da prática do escotismo e do serviço militar foram sublinhadas e enaltecidas como um complemento da educação formal.

Muito habilmente, governo e povo faziam o dia inteiro de devoção das crianças e da juventude. Antes de qualquer outro Estado, São Paulo compreendeu a necessidade das linhas de tiro, que o governo passado fez parecer com receios infundados. Antes de qualquer outro Estado, o povo prezou a idéia do scoutismo, traduzida pelo Sr. Mario Cardim, da Inglaterra, onde, graças a esse preparo, Lord Kitchner pode organizar quase de repente um exército eficiente de alguns milhões de homens. E o governo de São Paulo acolheu, ajudou o scoutismo – escola de patriotismo. Assim, o dia do grito da independência, era São Paulo inteira a incentivar o garbo da juventude.

As reportagens sobre os espetáculos de massa promovidos pelas autoridades políticas no decorrer das datas cívicas reverberavam para os leitores distantes como um exemplo vigoroso das virtudes regeneradoras da aliança povo e militares. Inequivocadamente, as paradas e festas corroboravam a sacralização da política.

13. Em São Paulo. *Gazeta de Notícias*, 14/09/1911.

14. Coluna Cinematographo. *Gazeta de Notícias*, 16/02/1908.

15. Coluna Os dias passam. *Gazeta de Notícias*, 17/09/1911.

16. Como imagino o Municipal amanhã. *O Comércio de São Paulo*, 10/09/1911.

O discurso do progresso e da civilização também favorecia a tematização do industrialismo. O curioso é que o cronista não menciona uma palavra sequer sobre os bairros operários e a opressão cotidiana das classes populares. A riqueza gerada nas fazendas, indústrias e no comércio aparece desencarnada dos seus artífices. O foco do cronista se concentra na ação racional dos administradores públicos.

Ninguém ignora com quanto São Paulo entrou para a receita do Brasil. Ninguém ignora o seu contínuo e extraordinário progresso industrial e comercial. Esses atrativos não podem ser realizados por ventoinhas nem por cavalheiros sem circunspeção. É uma obra formidável e contínua da administração, de sã política, em que os valores de cada um são reconhecidos sem temores. Não é só o equilíbrio do Estado em que eles pensam. É no equilíbrio do país, na estabilidade das instituições, na paz interna, na impressão externa¹⁷.

Finalmente, parece ser importante destacar que para além das soluções tópicas empregadas pelo cronista, ele não perde oportunidade de declarar o seu amor pela cidade, valendo-se de uma palheta onde se verificam notações embebidas de estereótipos.

Amo São Paulo, porque é a cidade exemplo no Brasil, amo São Paulo, porque fez antes, no Brasil, tudo quanto se devia fazer pela higiene, pela cultura, pelo progresso, pela civilização, amo São Paulo porque tem uma gente orgulhosa, consciente do seu valor, trabalhando, vencendo e impondo-se.¹⁸

III. Recibo

A reunião destes textos sobre a cidade de São Paulo e sobre os paulistas possibilita aos leitores contemporâneos compreender uma dimensão menos conhecida do escritor, isto é, o do jornalista militante e artífice das representações triunfantes da modernização paulistana.

No entanto, as projeções grandiosas e celebrativas, bem como, as palavras enaltecidas, devem ser lidas com cuidado, uma vez que apesar da sua crença nas virtudes da imprensa na conformação de uma pedagogia pública, pairava sobre o autor a pecha da venalidade. Em que pese suas declarações de amor pela cidade, as suas relações perigosas com alguns políticos do PRP colocam estes textos sob suspeita, quando não possibilitam vislumbrá-lo como um escritor a serviço do “partido da ordem”.

Apesar dos esforços do amigo e jornalista paulista Mário Guastini em desvencilhar a imagem de João do Rio como “pensionista dos cofres públicos”, parece inequívoco que a pujança econômica da Cafelândia também alimentava o desejo de reverter os constrangimentos da pena de viver da própria pena. Daí, revelar ao amigo, numa carta de 1919: *Estão editados (com vários erros tipográficos), os dois volumes das minhas coisas da guerra. Mando-te a notícia junto. E os volumes seguem também. Aquela brincadeira do ano passado deu 4 volumes de 300 páginas cada um. Quer dizer que o seu amigo escreveu, na Europa, 1200 páginas. Está claro que tantas páginas me deram, três banquetes. (...) Quanto a dinheiro, porém, faz no dia 12, cinco meses que estou no Rio e não ganhei um real. Mas nem um só. À vista disso, escrevo ao mesmo tempo ao Puglisi e ao Pichetti a indagar com quantos exemplares ficaram a Câmara (de Comércio Ítalo-Brasileira) e o Circulo (Italiano). Qual a tua opinião? Creio que morro de fome na Avenida, cheio de condecorações, de glórias e...de banquetes. Episódios literários do Brasil do século XX. Enfim, vou vender as casas hipotecadas ao Martineli para prolongar a vida...¹⁹*

Seja qual for o sentimento que João do Rio nutria pela Paulicéia, parece importante destacar o seu papel na invenção de uma visão positiva e distintiva da identidade paulistana que ainda parece agradar a muitos dos seus habitantes. A leitura destes textos proporcionará argumentos surpreendentes e não há comentário que suplante tal prazer.

BIBLIOGRAFIA

- CANDIDO, Antonio. Teresina etc. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
 GUASTINI, Mário. Tempos idos e vividos. São Paulo: Ed. Universitária, s/d.
 MAGALHÃES JR., Raimundo. A vida vertiginosa de João do Rio. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1978.
 RIO, João do. A profissão de Jacques Pedreira. São Paulo: Scipione/ Instituto Moreira Salles, 1992 (2ªed.).
 _____. Crônicas e frases de Godofredo de Alencar. Rio de Janeiro: Villas-Boas, 1919.
 RODRIGUES, João Carlos. João do Rio. Uma biografia. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
 SCHAPOCHNIK, Nelson. João do Rio: um dândi na Cafelândia. São Paulo: Boitempo, 2004.
 TIGRE, Bastos. Antologia Poética. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ INL, 1982.

17. O exemplo. *O Paiz*, 09/09/1916.

18. Coluna Cinematographo. *Gazeta de Notícias*, 30/10/1910.

MOTIVO

Ronaldo Cagiano

No coração
a palavra rumina
a indignidade do chumbo
que escurece as manhãs.

Com suas garras de luz
os versos que vingam
no deserto interior
anunciam o oásis
onde a linguagem sacia
a sede de sonhos.

Na manhã dourada
que se anuncia
entre um vento e outro

as estrelas mortas
ressuscitarão na obscuridade da alma
reverberando um farol de mel
contra as varizes do desencanto
sepultando o latifúndio as noites.

Eis o poema

ponte dialética

entre a sintaxe do abismo
e a gramática dos silêncios.

Toda a verdade sobre a Tia de Lúcia

Conto de Sonia Coutinho

O escritor decide escrever a história que lhe ocorreu hoje, mesmo sendo triste. Decide escrever essa história que, além de triste, é incômoda. Está constrangido, prestes a pedir desculpas. Mas não pede. Apenas pensa: pena que eu não consiga fazer de outro jeito.

“Claro que eu preferiria escrever histórias alegres. Mas, à minha revelia, sempre saem tristes e incômodas,” ele admite para si mesmo, um segundo antes de se sentar e começar a escrever “Toda a verdade sobre a tia de Lúcia.”

“Preciso falar com alguém sobre essa tia antes que ela morra e sua história se torne definitiva, antes que sua história se transforme, para mim, num epitáfio,” pensa Lúcia.

É o primeiro parágrafo que o escritor escreve. E continua.

Sentada em sua cama, Lúcia observa uma fotografia da sua velha tia Lina, que acabou de descobrir numa gaveta do seu armário, num maço de fotos antigas, tiradas ainda em Solinas. Nesta, além da tia, aparecem ainda ela própria, em menina, e sua mãe.

A tia, de quase 90 anos, mora em Solinas. Ela e Ramiro, o filho de Lúcia, que também ainda mora lá, são os únicos parentes próximos lhe restam. Como Lúcia não se casou novamente e, de uns tempos para cá, seus relacionamentos amorosos cessaram, sua solidão se tornou radical.

Nem amigas de verdade ela tem: jamais se entendeu bem com as pessoas, no Rio, e continua mais ligada, interiormente, às antigas amigas de Solinas.

Lúcia teve de deixar o filho com sua mãe, quando se separou do marido e veio trabalhar no Rio. (Preciso descobrir o motivo grave e secreto para essa separação, pensa o escritor. Lúcia foi embora de repente, sem tratar nem de pensão do ex-marido.)

No início, ela levou Ramiro, mas era difícil conseguir alguém que tomasse conta dele, quando Lúcia saía. Ela ficava muito preocupada com o que poderia acontecer com menino, não conseguia nem trabalhar direito. E, quando voltava, Ramiro dizia sempre que queria ir para Solinas, morar com sua avó. O que acabou acontecendo.

Depois da morte da mãe de Lúcia, Ramiro, a essa altura já um engenheiro, disse a ela: “Agora que minha avó morreu, não quero mais ter o desprazer de ver sua cara na minha frente. Se ainda via você, era porque ela pedia.”

Uma completa mentira, Lúcia tinha certeza. A velha jamais pediria ao seu filho que continuasse seu amigo. Ao contrário, sempre fez tudo para separar os dois. Seu golpe de mestre foi o testamento que deixou, deserdando Lúcia em favor de Ramiro.

Isso provocou a ruptura definitiva entre mãe e filho.

Inesperadamente, o carinho que tia Lina lhe demonstra se tornou muito importante para Lúcia.

A tia usa frases de uma bondade antiga: “Nossa Senhora cubra você com seu manto de luz.” Repete: “Você é uma filha para mim, uma verdadeira filha.” E continua a chamá-la de Lucinha, como ninguém mais chama, há muito tempo.

Quando fala com tia Lina pelo telefone, Lúcia visualiza com ternura sua imagem: os óculos de lentes grossas, os cabelos já inteiramente brancos e ralos, a bengala que ela usa para caminhar.

Mas não consegue deixar de lado suas dúvidas quanto à sinceridade da tia – o carinho não será um engodo? Tia Lina, afinal, era tão unida com a irmã dela, a mãe de Lúcia.

E, se de fato a tia a ama, como diz, por que não lhe contou do testamento, quando a família inteira sabia de tudo e só ela, Lúcia, foi apanhada de surpresa?

Lúcia, às vezes, acha o discurso da tia parecido com o pranto das carpideiras, tudo fingimento treinado. Mas está tão carente de qualquer tipo de carinho que se deixa envolver, de qualquer forma.

Hoje, bem cedo, Lúcia recebeu um telefonema da tia. Em seguida, como de costume, chorou um pouco. Por que chora, todas as vezes em que fala com tia Lina? Talvez porque afeto, para ela, está associado com sofrimento, pensa.

Logo depois do telefonema, Lúcia se lembrou de uma certa fotografia. Onde estaria? Teve uma intuição, foi abrir a gaveta do armário - e lá a encontrou.

Sim, essa foto que ela agora observa, demoradamente, antes mesmo de tomar o seu café e trocar de roupa para ir trabalhar.

Tia Lina, sua mãe e ela estão na margem de um rio, em Solinas, onde há uma fileira de árvores finas e altas.

A tia usa um penteado antigo, com um grande pimpão, e Lúcia lembra, num relâmpago, que esse pimpão era feito com um enchimento de pano que ela vira, certa vez, na casa da tia Lina.

Agora, olha para sua mãe: linda, como sempre. Muito mais bonita

do que Lúcia jamais fora. Menina, como aparece na foto, ela era feia, magríssima e com uns dentes tortos.

Já sua mãe parece uma estrela de cinema, num filme de depois da Segunda Guerra Mundial: batom escuro, saia justa na altura dos joelhos, de um tecido quadriculado, miúdo e escuro, e uma blusa de seda branca com mangas compridas e fofas e punhos abotoados.

Lúcia se levanta, vai até o banheiro, pega uma tesoura. Volta para a cama e corta a fotografia pela metade, separando a imagem da sua mãe, que rasga em pedacinhos e vai jogar no saco de lixo.

Foi demais o que a mãe fez com ela com aquele testamento, pensa, cheia de raiva. E fez isso mesmo sabendo das suas dificuldades financeiras, do seu novo emprego mal pago.

O testamento está obrigando Lúcia a fazer economias do tipo que distorce a alma de uma pessoa. Ela se tornou alguém que não pode mais comprar uma blusinha nova nem um CD de harpas celtas.

Resta decidir, agora, o que fará com a outra metade da foto, a parte em que ela aparece com tia Lina.

Num arquivo diferente, em seu computador, o escritor faz um resumo da vida de Lúcia, para usar em sua história.

O pai, que tinha uma boa situação financeira, morreu quando ela era ainda pequena. Todos os bens da família ficaram com sua mãe.

Mais tarde, já adulta, Lúcia não pensou em reivindicar direitos, achou que não era preciso, sendo filha única.

Não tinha feito um curso universitário porque sua mãe achou que não valia a pena, era bobagem, “melhor seria arrumar um empreguinho enquanto esperava marido.”

Lúcia, que naquele tempo era fraca e tola, deixou-se levar e arrumou um emprego que detestava. Então, nem essa saída ela teve, a de uma profissão rendosa.

Seria por causa da fuga de Lúcia para o Rio que sua mãe quisera castigá-la? Indaga-se o escritor. Mas não, ele conclui.

Lúcia tem certeza, ele escreve, de que o ódio da sua mãe era coisa mais antiga. Imperdoável, para mãe de Lúcia, era o próprio fato de ela ter nascido.

Sua mãe a odiava por causa do pai dela, escreve em seguida o escritor. Tinha repulsa pelo marido, uma repulsa que se estendeu à filha, continua ele a escrever.

Depois, de volta ao arquivo principal, o escritor passa a palavra à própria Lúcia, que conta seus primeiros tempos no Rio.

“Logo que cheguei, fiquei numa pensão no Catete, usando algumas economias que tinha. Procurei uma Antiga Amiga de Solinas e, a conselho dela, que conseguira seu emprego assim, esquadrinhei muitas páginas de Classificados.

Afinal, consegui ficar como secretária de uma firma importadora. Sempre gostei de estudar inglês, foi o que ajudou. Além, claro, da boa aparência que eu já tinha, aos 30 anos.

O salário deu para alugar um quarto-e-sala em Copacabana e então meu filho veio e ficou uns tempos comigo, antes de voltar. Mas férias e feriados, sempre eu sempre visitei Ramiro em Solinas.

Mais tarde, na casa dos 50, fui demitida, tive de me contentar com outro emprego de salário inferior.

O pior de tudo, meu pai morreu. Ele, que sempre me dizia: ‘Se precisar de alguma coisa, é só pedir.’”

O escritor, que é jornalista free-lancer, depois de um período desocupado recebe uma porção de pedidos de matérias.

E pára temporariamente sua história. Deixa Lúcia imóvel, sentada na cama, com os olhos voltados para a velha fotografia.

Estranhamente, sem nenhum motivo aparente, mesmo estandp muito ocupado, nesse período o escritor começa a pensar em anjos.

Primeiro, vem uma imagem que parece de sonho, embora ele esteja acordado: anjos voam de um lado para outro, despejando flores em cima de um farol.

Num estado quase de transe, o escritor, que às vezes pinta, faz um pequeno quadro onde aparecem o farol, uma lua imensa, estrelas douradas e muito anjos.

Pensa: são anjos misteriosos como num quadro surrealista. Anjos sérios, graves, como no filme “Asas do desejo,” de Wim Wenders.

E recita as “Elegias de Duíno”, de Rilke : “Quem, se eu gritasse, me escutaria, entre as hierarquias dos anjos...”

Depois de algum tempo, já com menos trabalho, o escritor volta à história de Lúcia e da sua tia.

Claro que tia Lina não é nenhuma santa, argumenta Lúcia consigo mesma, tentando racionalizar uma relação que assume proporções imprevisas e a faz pensar em voltar para Solinas.

Na verdade, não apenas por causa da tia Lina, mas pela falta de dinheiro. O que mais Lúcia teme é ser obrigada a sair de Copacabana, ir para a Zona Norte.

O escritor escreve que Lúcia vai agora para a cozinha, tira da geladeira um mamão papaia, coloca duas torradas no forno, põe água para ferver. Tem de tomar logo seu café e se preparar para ir trabalhar, não deve chegar novamente atrasada, adverte a si mesma.

Mas, enquanto isso, continua a julgar mentalmente sua tia Lina.

Claro que a tia sabia do testamento, mas não lhe contou nada. E o imenso apartamento da sua mãe e os investimentos dela, que vinham do tempo do marido vivo, e um terreno, e uma casa de praia, tudo passou diretamente para Ramiro.

Surgiu até, Lúcia não sabia como, um documento forjado em que ela

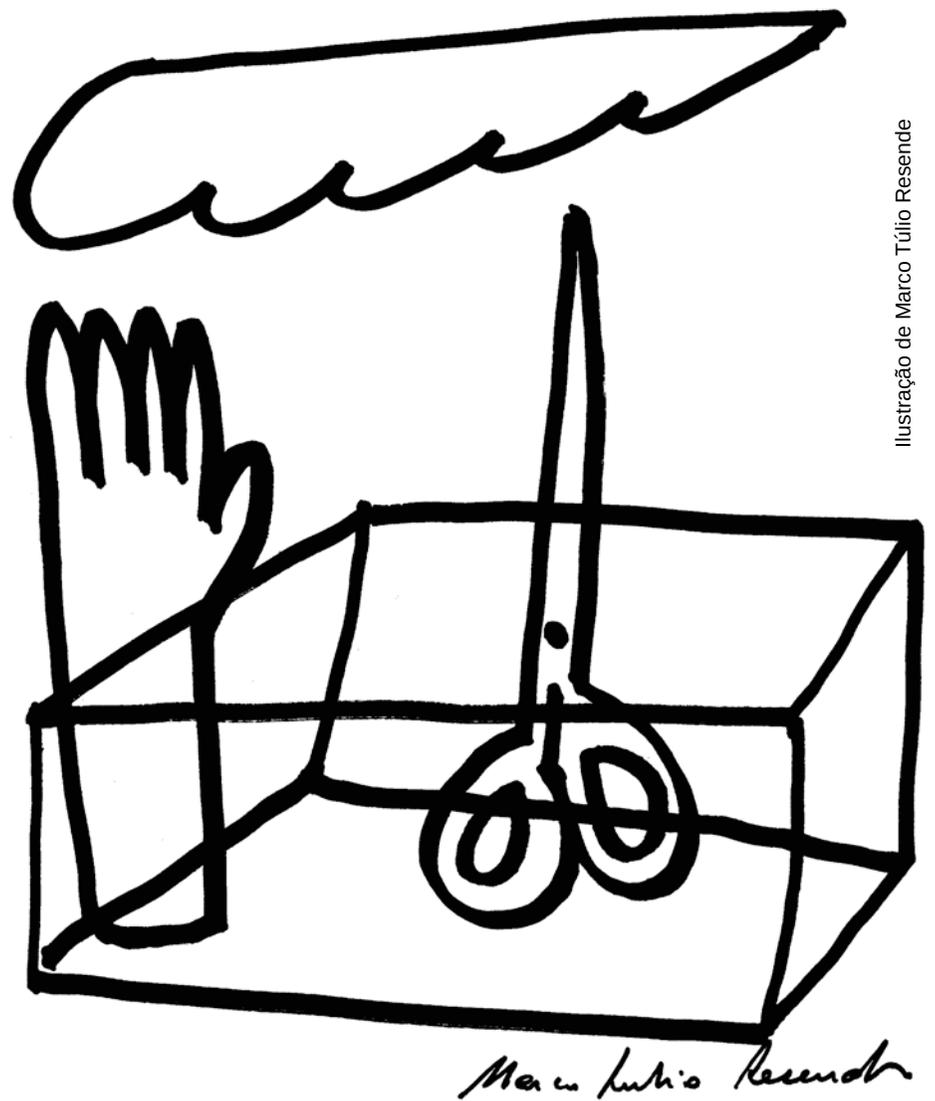


Ilustração de Marco Túlio Resende

concordava com os termos do testamento.

Rasgará ou não a foto da tia Lina?

Lúcia toma rapidamente seu café. Tem medo de ser novamente demitida. Na véspera, já chegara atrasada ao trabalho.

Está cansadíssima de ser secretária e, atualmente, uma secretária mal paga. Mas, se parar de trabalhar, o que será dela?

Seria bem melhor, pensa, lavando a xícara e o prato, se acreditasse mesmo no amor da tia Lina.

Seria bem melhor se pudesse, sem dúvidas nem temores, continuar a ouvir a voz doce e cantante da tia, que vem pelo telefone, consoladora, lá de Solinas.

Resistirá ela a uma vida inteiramente sem amor? É o que Lúcia se pergunta, neste momento, antecipando com um arrepio a solidão arrasadora de uma existência assim.

Tenho de enxergar a realidade, tia Lina escondeu o testamento de mim, pensa Lúcia outra vez.

Mas, imediatamente, torna a perdoar a tia, lembrando de um presente dela, que recebeu dias atrás, pelo correio: uma camiseta com a imagem de Nossa Senhora da Glória.

Olhando para aquele objeto ingênuo e tosco, Lúcia chorou novamente, e agora com força. Pensou, com raiva, que era de propósito que tia Lina lhe mandava presentes assim, patéticos.

Só parou de chorar quando lembrou do advogado lhe dando, pelo telefone, a notícia do testamento.

Previendo a pobreza na velhice, Lúcia uivava: “Não, não, não, não.” Mas era “sim,” e o advogado foi muito objetivo, quando explicou os detalhes.

O escritor reflete se vale a pena incluir em sua história pelo menos

um resumo da vida da tia Lina. Decide que sim.

Ingênua e acomodada, Claudelina no entanto se casou por paixão com um tipo meio aventureiro, um forasteiro em Solinas. Ao contrário da mãe de Lúcia, que fez um casamento rico e sem amor.

Previsivelmente, o desastre foi completo, o marido de Lina logo a abandonou. E ela, depois da separação, Jamais Teve Outro Homem.

Felizmente, era funcionária pública. Tinha seu dinheirinho e o apartamento dos seus pais para morar. Agora, com uma minúscula aposentadoria, continua a viver lá, mesmo já sozinha.

O escritor pensa: é interessante duas criaturas com trajetórias tão diferentes, Lina e Lúcia, estarem agora lançadas numa situação parecida. Sim, de solidão, falta de dinheiro e envelhecimento, em maior ou menor grau.

É uma história horrorosa, conclui. Pelo menos, repete para si mesmo, com certeza colocarei anjos nela.

Lúcia tenta ainda decidir se rasga ou não a fotografia de tia Lina. Como pôde a tia silenciar, sabendo do cruel testamento? Como pôde concordar com o castigo que sua mãe lhe infligira?

Se, pelo menos, Lúcia tivesse levado, no Rio, algum tipo de “vida alegre”, como diria sua mãe. “Mas, na verdade,” pensa Lúcia, “os dias da minha vida foram todos consumidos pelo trabalho duro. Só que, claro, moro em Copacabana e o pessoal de Solinas acha que isto aqui é uma espécie de covil da devassidão.”

Comentário da sua mãe, que lhe foi contado por alguém, ela não se lembra mais quem: “Lúcia sempre se deu muito bem com coisas dela, mas agora se dará muito mal”.

“Com tanto ódio em redor de mim, uma hora dessas fico sem dinheiro nem comer,” pensa ela, desesperada.

Quando acaba de tomar seu café, Lúcia torna a se sentar na cama e a olhar a fotografia cortada pela metade, agora só com sua tia e ela, na margem do rio, entre as árvores finas e altas.

Mas a tia é humilde, diz Lúcia a si mesma, tentando salvar seu último afeto. Com certeza, ela não contribuiu, de nenhuma maneira, para que o testamento fosse feito.

Por um instante, decide ficar com a metade da foto. “Amanhã vou comprar um porta-retrato para esta parte,” pensa, quase feliz.

Mas logo muda de idéia e tem um pensamento muito doloroso sobre tia Lina. Pensa que ela vive bajulando todo mundo, tirando casquinhas aqui e acolá, fazendo permanentemente o papel de boa, mas não é sincera. Tudo é fingimento, imagina Lúcia.

É quando o escritor sente que precisa pôr um ponto final em sua história. Não chegou a inventar o motivo para a separação de Lúcia e seu marido, o motivo grave e secreto que ele sabe que existiu, mas não podia ser revelado a ninguém e ela aceitou a culpa.

E o escritor sente que não disse tudo o que era preciso sobre Lúcia e sua tia. Mas não agüenta continuar, precisa parar.

Dispõe-se, então, a responder à pergunta: Lúcia rasga ou não a fotografia da tia Lina?

Em arquivo separado, ele coloca duas possibilidades.

A) Lúcia conclui que, sejam quais forem os defeitos da sua tia, ela ainda é a coisa mais próxima de uma mãe que conhece. E decide não rasgar a fotografia e continuar retribuindo o amor da Tia Lina.

B) Lúcia decide rasgar a foto. Sua tia estava muito próxima da sua mãe e sabia de tudo. Impossível uma pessoa que a amasse não lhe contar sobre o testamento, talvez ainda a tempo de Lúcia evitar que a crueldade se consumasse.

A decisão do escritor vem inesperadamente rápida. O correto é a possibilidade B, ele conclui.

Lúcia rasga a foto da sua tia e, como fez com a da sua mãe, joga os pedacinhos no saco do lixo.

Todo o seu amor neste mundo tinha sarado, ela sentiu, como uma ferida que cicatriza e não deixa nenhuma dor. Não chorará mais.

Segue para o banheiro, toma um banho, arruma-se para ir trabalhar. É melhor chegar atrasada do que não comparecer.

E, nos dias seguintes, Lúcia se movimenta pela vida a fora de maneira aparentemente normal: dorme sem insônia e acorda com coragem para dar um pulo da cama e seguir adiante.

Mas é apenas uma trégua, reflete o escritor. Desacreditar do amor da tia Lina está além da capacidade de Lúcia para suportar.

Sem a tia, só lhe resta aguardar a chegada dos Anjos.

Poucos dias depois. Lúcia começa a ver Anjos em toda parte. Anjos imensos e sombrios voam por cima do aglomerado dos prédios de Copacabana; um por um, descem, pousam no peitoril da sua janela e conversam com ela.

Deixou de ir ao trabalho, já não sai mais de casa, sempre esperando por eles.

Quando os anjos não aparecem, ela os invoca, com palavras que não sabe de onde vêm: **MEBAHEL, HARIEL, HEKAMIAH!**

Anjos cabalísticos, com nomes hebraicos, pensa o escritor, acabando de escrever a história que lhe ocorreu hoje.

Mesmo sendo triste.

Está prestes a pedir desculpas, mas não pede.

Apenas pensa: pena que eu não consiga fazer de outro jeito. Pelo menos, conclui, coloquei anjos nela.

5 POEMAS

de João Paulo Gonçalves

ÁGUAS

Águas

Distante horizonte

No tornozelo - algas

FLORES

Flores

Caem da jarra partida

Fragmentos de perfume

BICHO GRILO

Se a mínima folha cresce

mais

verde – súbito – fica :

risca o ar

- o pulo do grilo.

CÍNCLESE

De salto em salto

o grilo deixa no ar fiapos de susto

De salto em salto

O grilo abrevia o espanto

De salto em salto

O grilo adianta o tempo.

VER

O olhar

pára na serra.

E devolve na volta

as miúdas flores

do breve panorama.

Hábito do viver.